



ENSINO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA: um relato de experiência com alunos do nono ano

Liedson J. R. GONÇALVES¹

RESUMO – Este texto se trata de um relato de experiência de uma ação pedagógica que nós, discentes do curso de História integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) fizemos com alunos do nono ano do Ensino Fundamental, abordando a questão da história e da memória. Esta teve como objetivo levar aos alunos a questão de como a memória é um instrumento importante para a história geral e para a história de diversos povos de cultura oral, para os alunos entenderem como a memória é algo que constitui os sujeitos dentro da história ao longo do tempo. Para tanto, foi realizada pelo meu grupo uma aula expositiva e introdutória acerca do tema, destacando povos que mantêm sua história, cultura e tradição através da memória e, após, solicitamos que eles se entrevistassem entre si para se conhecerem nesse sentido e aprender a maneira de se fazer, para, depois, entrevistarem outras pessoas (avós, conhecidos) sobre alguma história deles ou da cidade/região e que levassem objetos que atestam essa história-memória na aula seguinte. Tudo feito, evidenciou-se como a memória carrega uma carga importante nas nossas próprias histórias.

Palavras-chave: PIBID; Disciplina de História; Oralidade; Educação Libertadora; Metodologia Ativa.

1. INTRODUÇÃO

Dentro do estudo da História, temos um componente importante que atua quase como um braço direito desta para a existência e afirmação da identidade de diversos povos ao redor do mundo e no decorrer do tempo histórico, fato este mais facilmente notável em povos de cultura oral, como as sociedades indígenas originárias africanas e americanas pré-colonização, em detrimento da história positivista e metódica europeia ocidental, que depositavam grande ou total valor somente aos documentos escritos e oficiais dos governos e estados, sendo este componente a Memória.

De forma involuntária e inconsciente, nós carregamos nossas próprias histórias que aprendemos, inevitavelmente, através da memória de nossos familiares e antepassados, que podem ir desde formas de expressões verbais, tradições religiosas ou até mesmo técnicas e modos de fazer diversas coisas. Esta, sendo um fenômeno sustentado por grupos sociais inseridos em determinados tempos e realidades (contextos) sociais distintas, pode sofrer alterações ao longo do seu processo de duração e existência, mas isto não exclui o fato que ela dá razão e sentido para a afirmação das identidades dos povos, pois sabemos, enfim, que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. (LE GOFF, 1988, p. 471).

Portanto, neste caminho, compreendemos a importância da memória para a história no geral, pois “não existe identidade sem memória” (CANDAU, 2011, p. 47) e se nos propusemos ao estudo da história para o entendimento de diversos fenômenos históricos políticos, sociais, econômicos, culturais etc, ao longo do tempo, se deve entender também a identidades dos povos e sujeitos inseridos no recorte historiográfico que se faz para que este estudo seja munido de argumentações válidas e

¹ Bolsista PIBID/CNPq, IFSULDEMINAS – *Campus Inconfidentes*. E-mail: liedsonjrgonc.03@gmail.com.

verossímeis acerca do que se estuda.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O planejamento desta ação pedagógica foi feito em conjunto entre os 9 discentes deste grupo do PIBID junto ao supervisor, ficando dividido em 3 grupos para aplicação em 3 salas diferentes, duas do primeiro ano do Ensino Médio e uma do nono ano do Ensino Fundamental. Após, foi elaborado um material com um vídeo do Museu da Pessoa introdutório seguido de uma sequência de slides para uma aula expositiva acerca da temática da memória.

Realizamos a apresentação deste material na primeira aula com o nono ano, complementando com explicações de processos e tempos históricos relacionados que dão sentido à função, ou melhor, ao significado da memória para diferentes povos no decorrer da história, para a inteligibilidade/compreensão dos alunos ser facilitada a fim de que eles apreendessem realmente o assunto e a atividade proposta, abrindo espaço para perguntas e diálogo com eles.

Em seguida, fazendo uso da ideia da metodologia ativa/educação libertadora (FREIRE, 1987, p. 78), que se firma na valorização da interação, do diálogo e da construção conjunta do conhecimento entre professor e aluno, promovendo a reflexão crítica e autonomia destes, solicitamos aos alunos que se separassem em duplas para que se entrevistassem entre eles com a finalidade de, primeiro, aprender a maneira básica de como se segue uma entrevista e se conhecessem melhor neste sentido, para saberem ou descobrirem o que eles próprios carregam advindos da memória e, segundo, que entrevistassem outras pessoas, podendo ser tios, avós, conhecidos do bairro ou qualquer outra pessoa que lhe fossem convenientes e interessantes a eles e trouxessem o relato. Solicitamos, também, que na aula seguinte, junto ao escrito da entrevista da pessoa e da história-memória que eles relatassem, que levassem também, quando e se possível, objetos dos entrevistados para, além de atestar a memória relatada e tornar o processo mais interessante para todos os envolvidos, para que os alunos compreendessem como muitas coisas, objetos simbólicos, tradicionais de famílias etc. carregam consigo uma história e como esta história é perpetuada pela memória.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Após a realização da primeira aula, ficamos combinados como funcionaria o processo e o que eles precisavam fazer. Na segunda aula, tivemos um resultadíssimo e muito gratificante, pois apenas os alunos que não estavam presentes na aula anterior de exposição do tema não realizaram a atividade, mas, ainda assim, conseguiram realizar em sala recordando de histórias familiares e/ou locais/regionais.

Tivemos exemplos de casos de assombração vividos por avós e bisavós em bairros mais distantes da cidade, inclusive foi o mais recorrente devido ao fato de a classe possuir muitos alunos da

zona rural, de casos de superstições mais interioranas do tipo “não se deve assoviar a noite, pois atrai maus espíritos e coisas ruins”, “não se deve comer manga com leite porque morre” etc. que são, realmente, muito presentes em bairros rurais, de dois casos mais recentes na cidade da queda de um avião em 2015 e de um assalto a dois bancos no mesmo ano que marcou a população local e regional, de brinquedos e comidas típicas da época dos avós e bisavós, sendo possível perceber a diferença geracional muito forte destes pros alunos da classe, seus netos e bisnetos, de avós e bisavós que migraram de outros estados distantes e trouxeram seus costumes e tradições, de avós contemporâneos da 2ª Guerra Mundial, de um pai que trabalhou na FEBEM, atual Fundação CASA e, entre outros, talvez o mais emblemático, de uma aluna que trouxe 2 poesias do casal de bisavós que exaltam a cidade e o modo de vida, a cultura, a tradição e a tranquilidade que eles encontraram ao se estabelecerem e viverem no interior. Junto aos relatos, trouxeram muitos objetos, sendo os mais recorrentes notas (papel-moeda) e moedas da época de seus avós e bisavós, o cruzado e o cruzeiro, um leque de uma bisavó de um aluno, um jornal de época, fotos de seus entrevistados ou com eles, quando vivos, e duas fotos do acidente de avião relatado por uma das alunas.

Nesta aula, que foi a segunda aula, quando recebemos os relatos e os objetos, demos aos alunos a opção de ler o seu relato, quem quisesse e se sentisse confortável, para proporcionar uma dinâmica mais interessante na aula e para que eles conhecessem as memórias dos seus pares e possivelmente refletirem sobre possíveis semelhanças de alguns dos relatos, como os de assombração e os das superstições. A maioria optou por ler, se sentindo encorajados pelos que iniciaram, pois no início, ainda estavam meio receosos, aparentemente, de expor os seus relatos, mas que, por fim, foi sendo superado e todos conheceram um pouco da história de todos através das memórias apreendidas.

Para a conclusão da intervenção pedagógica, foi feito um mural de exposição com todos os relatos e fotos dos objetos, sem exceção, a fim de todos se sentirem incluídos e sentirem que as suas histórias dos relatos, através da memória, neste caso, local/regional, são importantes para a consolidação e perpetuação dos seus modos de vida, cultura, tradição etc.

4. CONCLUSÃO

Apesar do estudo da Memória dentro da Ciência Histórica ser uma área recente da pesquisa, surgindo aproximadamente e de forma mais consolidada no século XX, à época e até atualmente já se percebe o quão este componente da história é importante para a compreensão dos sujeitos e dos seus tempos e espaços históricos em que estão inseridos, dando ao historiador a possibilidade de relacionar as culturas de determinadas épocas às maneiras de organização social deste tempo e entender como algumas memórias ficam/se perdem no tempo e como outras prevalecem por mais tempo, pois a memória histórica como construção social do passado permite este tipo de estudo, quando esta tem no seu interior a tentativa honesta do estabelecimento da compreensão da história a partir da história oral,

dos lugares de memória e da memória coletiva, que são influenciadas justamente por fatores sociais e culturais deste tempo.

Portanto, elucidada a importância da memória histórica, através desta intervenção pedagógica que, por mais que a exposição desta temática tenha tido um caráter mais macro a fim de facilitar a compreensão dos alunos acerca de tal, e a experiência em sala de aula tenha tido um caráter mais micro, notadamente, se tratando de memórias locais, regionais e tradicionais familiares, ainda assim manteve o seu sentido e objetivo, que foi levar aos alunos como a memória histórica é parte do ser de cada um e, quando coletiva, é parte do ser de um povo, comunidade, sociedade, entre outros.

Por fim, o resultado da intervenção nos mostrou que, ainda em tempos atuais de revoluções tecnológicas e mudanças drásticas geracionais, de muitas tradições e culturas, a memória ainda prevalece entre os sujeitos históricos do seu tempo e define as identidades destes sujeitos, que, independente do período, são agentes receptores e reprodutores do seu tempo histórico, afinal, a história, dentro das suas várias definições, é “a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2002, p. 65).

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

TRINDADE, Marlene. **[Depoimento]**. Entrevistadora: Danilo Eiji. Museu da Pessoa, São Paulo, 10/09/2013. Disponível em: <<https://museudapessoa.org/historia-de-vida/o-congado-em-minha-vida/>>. Acesso em: 23/05/2025.